



A Santa Sé

ENCONTRO COM OS PÁROCOS DA DIOCESE DE ROMA

"LECTIO DIVINA" DO PAPA BENTO XVI

Sala das Bênçãos

Quinta-feira, 18 de Fevereiro de 2010

Eminência

Queridos irmãos

no episcopado e no sacerdócio!

É uma tradição muito jubilosa e também importante para mim poder iniciar a Quaresma sempre com o meu Presbitério, os Presbíteros de Roma. Assim, como Igreja local de Roma, mas também como Igreja universal, podemos empreender este caminho essencial com o Senhor rumo à paixão, rumo à Cruz, o caminho pascal.

Este ano queremos meditar os passos da Carta aos Hebreus agora lidos. O Autor desta Carta abriu um novo caminho para compreender o Antigo Testamento como livro que fala de Cristo. A tradição precedente tinha visto Cristo sobretudo, essencialmente, na chave da promessa davídica, do verdadeiro David, do verdadeiro Salomão, do verdadeiro Rei de Israel, verdadeiro Rei porque homem e Deus. E a inscrição sobre a Cruz tinha realmente anunciado ao mundo esta realidade: agora há o verdadeiro Rei de Israel, que é o Rei do mundo, o Rei dos Judeus que está na Cruz. É uma proclamação da realeza de Jesus, do cumprimento da expectativa messiânica do Antigo Testamento, a qual, no fundo do coração, é uma expectativa de todos os homens que esperam o verdadeiro Rei, que dá justiça, amor e fraternidade.

Mas o Autor da Carta aos Hebreus descobriu uma citação que até àquele momento não tinha sido notada: Salmo 110, 4 – "Tu és sacerdote segundo a ordem de Melquisedec". Isto significa que Jesus não só cumpre a promessa davídica, a expectativa do verdadeiro Rei de Israel e do mundo, mas realiza também a promessa do verdadeiro Sacerdote. Em parte no Antigo Testamento, sobretudo também em *Qumran*, há duas linhas separadas de expectativa: o Rei e o Sacerdote. O Autor da Carta aos Hebreus, descobrindo este versículo, compreendeu que em Cristo estão

unidas as duas promessas: Cristo é o verdadeiro Rei, o Filho de Deus – segundo o Salmo 2, 7 que ele cita – mas é também o verdadeiro Sacerdote.

Assim todo o mundo cultural, toda a realidade dos sacrifícios, do sacerdócio, que está à procura do verdadeiro sacerdócio, do verdadeiro sacrifício, encontra em Cristo a sua chave, o seu cumprimento e, com esta chave, pode reler o Antigo Testamento e mostrar como precisamente também a lei cultural, que depois da destruição do Templo é abolida, na realidade se orientava para Cristo; por conseguinte, não é simplesmente abolida, mas renovada, transformada, visto que em Cristo tudo encontra o seu sentido. O sacerdócio sobressai então na sua pureza e na sua verdade profunda.

Deste modo, a Carta aos Hebreus apresenta o tema do sacerdócio de Cristo, Cristo sacerdote, em três níveis: o sacerdócio de Aarão, o do Templo; Melquisedec; e o próprio Cristo como o verdadeiro sacerdote. Também o sacerdócio de Aarão, mesmo sendo diferente do de Cristo, mesmo sendo, por assim dizer, uma só busca, um caminhar em direcção a Cristo, é contudo "caminho" rumo a Cristo, e já neste sacerdócio se delineiam os elementos essenciais. Depois Melquisedec – voltaremos sobre este aspecto – que é um pagão. O mundo pagão entra no Antigo Testamento, entra numa figura misteriosa, sem pai, sem mãe – diz a Carta aos Hebreus – aparece simplesmente, e nele aparece a verdadeira veneração do Deus Altíssimo, do Criador do céu e da terra. Assim, também do mundo pagão provém a expectativa e a prefiguração profunda do mistério de Cristo. No próprio Cristo tudo é sintetizado, purificado e guiado para o seu termo, para a sua verdadeira essência.

Vejamos agora cada um dos elementos, na medida do possível, sobre o sacerdócio. Da Lei, do sacerdócio de Aarão aprendemos duas coisas, diz-nos o autor da Carta aos Hebreus: um sacerdote para ser realmente mediador entre Deus e o homem, deve ser homem. Isto é fundamental e o Filho de Deus fez-se homem precisamente para ser sacerdote, para poder realizar a missão do sacerdote. Deve ser homem – voltaremos a este aspecto – mas não pode sozinho fazer-se mediador com Deus. O sacerdote precisa de uma autorização, de uma instituição divina e só pertencendo às duas esferas – a de Deus e a do homem – pode ser mediador, pode ser "ponte". É esta a missão do sacerdote: combinar, relacionar estas duas realidades aparentemente tão separadas, isto é o mundo de Deus – distante de nós, muitas vezes desconhecido do homem – e o nosso mundo humano. A missão do sacerdócio é a de ser mediador, ponte que une, e assim levar o homem a Deus, à sua redenção, à sua verdadeira luz, à sua verdadeira vida.

Por conseguinte, como primeiro ponto o sacerdote deve estar da parte de Deus, e unicamente em Cristo esta necessidade, esta condição da mediação é plenamente realizada. Por isso era necessário este Mistério: o Filho de Deus faz-se homem para que exista a verdadeira ponte, a verdadeira mediação. Os outros devem ter pelo menos uma autorização de Deus ou, no caso da Igreja, o Sacramento, isto é, introduzir o nosso ser no ser de Cristo, no ser divino. Só com o

Sacramento, com este acto divino que nos cria sacerdotes na comunhão com Cristo, podemos realizar a nossa missão. E esta parece-me um primeiro aspecto de mediação para nós: a importância do Sacramento. Ninguém se faz sacerdote por si mesmo; só Deus me pode atrair, pode autorizar-me, pode induzir-me à participação no mistério de Cristo; só Deus pode entrar na minha vida e pegar-me pela mão. Este aspecto do dom, da precedência divina, da acção divina, que nós não podemos realizar, esta nossa passividade – ser eleitos e tomados pela mão por Deus – é um aspecto fundamental no qual entrar. Devemos voltar sempre ao Sacramento, voltar a este dom no qual Deus me dá quanto eu nunca poderia dar: a participação, a comunhão com o ser divino, com o sacerdócio de Cristo.

Tornemos esta realidade também um factor prático da nossa vida: se é assim, um sacerdote deve ser realmente um homem de Deus, deve conhecer Deus de perto, e conhece-o em comunhão com Cristo. Então devemos viver esta comunhão e a celebração da Santa Missa, a oração do Breviário, toda a oração pessoal, são elementos do ser com Deus, do ser homens de Deus. O nosso ser, a nossa vida, o nosso coração devem ser fixados em Deus, neste ponto do qual não devemos sair, e isto realiza-se, fortalece-se dia após dia, também com breves orações com as quais nos relacionamos com Deus e nos tornamos cada vez mais homens de Deus, que vivem na sua comunhão e assim podem falar de Deus e guiar para Deus.

O outro elemento é que o sacerdote deve ser homem. Homem em todos os sentidos, isto é, deve viver uma verdadeira humanidade, um verdadeiro humanismo; deve ter uma educação, uma formação humana, virtudes humanas; deve desenvolver a sua inteligência, a sua vontade, os seus sentimentos, os seus afectos; deve ser realmente homem, homem segundo a vontade do Criador, do Redentor, porque sabemos que o ser humano está ferido e a questão de "o que é o homem" é obscurecida pelo facto do pecado, que ofendeu a natureza humana até às suas profundezas. Assim diz-se: "mentiu", "é humano"; "roubou", "é humano"; mas não é este o verdadeiro ser humano. Humano é ser generoso, é ser bom, é ser homem da justiça, da prudência verdadeira e da sabedoria. Por conseguinte, sair com a ajuda de Cristo deste obscurecimento da nossa natureza para alcançar o verdadeiro ser humano à imagem de Deus, é um processo de vida que deve começar pela formação para o sacerdócio, mas que se deve realizar depois e prosseguir em toda a nossa existência. Penso que as duas coisas caminhem fundamentalmente juntas: ser de Deus e com Deus e ser realmente homem, no verdadeiro sentido que o Criador quis, plasmando esta criatura que somos nós.

Ser homem: a Carta aos Hebreus faz um realce da nossa humanidade que nos surpreende, porque diz: deve ser um que "pode compadecer-se dos ignorantes e dos que erram, pois também ele está cercado de fraqueza" (5, 2) e – depois ainda muito mais forte – "quando vivia na carne, ofereceu, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas Àquele que O podia salvar da morte, e foi atendido pela Sua piedade" (5, 7). Para a Carta aos Hebreus é elemento essencial do nosso ser humano a compaixão, o sofrer com os outros: esta é a verdadeira humanidade. Não é o pecado, porque o pecado nunca é solidariedade, mas é sempre uma não-solidariedade, um tomar

a vida para mim mesmo, em vez de a doar. A verdadeira humanidade é participar realmente no sofrimento do ser humano, significa ser um homem de compaixão *metriopathein*, – diz o texto grego – isto é, estar no centro da paixão humana, carregar realmente com os outros os seus sofrimentos, as tentações deste tempo: "Deus, onde estás neste mundo?".

Esta humanidade do sacerdote não corresponde ao ideal platónico e aristotélico, segundo o qual o verdadeiro homem seria aquele que vive unicamente na contemplação da verdade, e assim é bem-aventurado, feliz, porque tem só amizade com as coisas belas, com a beleza divina, mas "os trabalhos" fazem-nos os outros. Esta é uma suposição, enquanto que aqui se supõe que o sacerdote entre como Cristo na miséria humana, a leve consigo, vá ao encontro das pessoas sofredoras, se ocupe delas, e não só exteriormente, mas assuma interiormente sobre si, reúna em si mesmo a "paixão" do seu tempo, da sua paróquia, das pessoas que lhe são confiadas. Assim Cristo mostrou o verdadeiro humanismo. Certamente o seu coração está sempre fixo em Deus, vê sempre Deus, intimamente está sempre em diálogo com Ele, mas Ele carrega, ao mesmo tempo, todo o ser, todo o sofrimento humano entra na Paixão. Falando, vendo os homens que são pequenos, sem pastor, Ele sofre com eles e nós sacerdotes não podemos retirar-nos num *Elysium*, mas estamos imersos na paixão deste mundo e devemos, com a ajuda de Cristo e em comunhão com Ele, procurar transformá-lo, guiá-lo para Deus.

Precisamente, isto é preciso dizê-lo, com o seguinte texto realmente estimulante: "ofereceu orações e súplicas com fortes gritos e lágrimas" (*Hb 5, 7*). Esta não é só uma menção à hora da angústia no Monte das Oliveiras, mas é um resumo de toda a história da paixão, que engloba toda a vida de Jesus. Lágrimas: Jesus chorava diante do túmulo de Lázaro, estava realmente comovido interiormente pelo mistério da morte, do terror da morte. Pessoas perdem o irmão, como neste caso, a mãe perde o filho, o amigo: toda a terribilidade da morte, que destrói o amor, que destrói as relações, que é um sinal da nossa finitude, da nossa pobreza. Jesus é colocado à prova e confronta-se até ao profundo da sua alma com este mistério, com esta tristeza que é a morte, e chora. Chora diante de Jerusalém, vendo a destruição da bonita cidade por causa da desobediência; chora vendo todas as destruições da história no mundo; chora ao ver como os homens se destroem a si mesmos e às suas cidades na violência, na desobediência.

Jesus chora com fortes gritos. Sabemos pelos Evangelhos que Jesus gritou da Cruz, bradou: "Meu Deus, Meu Deus, porque Me abandonas-Te?" (*Mc 15, 34*; cf. *Mt 27, 46*), e bradou mais uma vez no fim. E este brado responde a uma dimensão fundamental dos Salmos: nos momentos terríveis da vida humana, muitos Salmos são um forte grito a Deus: "Ajuda-nos, ouve-nos!". Precisamente hoje, no Breviário, rezámos neste sentido: Onde estás, Deus? "Entregastes-nos como ovelhas para o matadouro" (*Sl 44, 12*). Um grito da humanidade sofredora! E Jesus, que é o verdadeiro sujeito dos Salmos, leva realmente este grito da humanidade a Deus, aos ouvidos de Deus: "Ajudai-nos e ouvi-nos!". Ele transforma todo o sofrimento humano, assumindo-o sobre si mesmo, num grito aos ouvidos de Deus.

E assim vemos que precisamente deste modo realiza o sacerdócio, a função do mediador, transportando em si, assumindo em si o sofrimento e a paixão do mundo, transformando-os em grito a Deus, levando-os diante dos olhos e das mãos de Deus, e assim levando-os realmente ao momento da Redenção.

Na realidade a Carta aos Hebreus diz que "ofereceu orações e súplicas", "gritos e lágrimas" (5, 7). É uma tradução justa do verbo *prospherein*, que é uma palavra cultual e exprime o acto da oferenda dos dons humanos a Deus, exprime precisamente o acto do ofertório, do sacrifício. Assim, com este termo cultual aplicado às orações e lágrimas de Cristo, demonstra que as lágrimas de Cristo, a angústia do Monte das Oliveiras, o grito da Cruz, todo o seu sofrimento não são uma coisa ao lado da sua grande missão. Precisamente deste modo Ele oferece o sacrifício, com o qual se torna sacerdote. A Carta aos Hebreus com este "ofereceu", *prospherein*, diz-nos: esta é a realização do seu sacerdócio, assim leva a humanidade a Deus, deste modo faz de mediador, faz-se sacerdote.

Dizemos, justamente, que Jesus não ofereceu a Deus algo, mas ofereceu-se a si mesmo e este oferecer-se a si mesmo realiza-se precisamente nesta compaixão, que transforma em oração e em grito ao Pai o sofrimento do mundo. Neste sentido também o nosso sacerdócio não se limita ao acto cultual da Santa Missa, no qual tudo é colocado nas mãos de Cristo, mas toda a nossa compaixão em relação ao sofrimento deste mundo tão distante de Deus, é acto sacerdotal, é *prospherein*, é oferecer. Neste sentido, parece-me que devemos entender e aprender a aceitar mais profundamente os sofrimentos da vida pastoral, porque é exactamente esta a acção sacerdotal, é mediação, é entrar no mistério de Cristo, é comunicação com o mistério de Cristo, muito real e essencial, existencial e depois sacramental.

É importante uma segunda palavra neste contexto. Diz-se que Cristo assim – através desta obediência – torna-se perfeito, em grego *teleiotheis* (cf. *Hb* 5, 8-9). Sabemos que em toda a Torah, isto é, em toda a legislação cultual, a palavra *teleion*, aqui usada, indica a ordenação sacerdotal. Ou seja, a Carta aos Hebreus diz-nos que precisamente fazendo isto Jesus foi proclamado sacerdote, realizou-se o seu sacerdócio. A nossa ordenação sacerdotal sacramental deve ser realizada e concretizada existencialmente, mas também de modo cristológico, precisamente neste carregar o mundo com Cristo e para Cristo e, com Cristo, para Deus: assim tornamo-nos realmente sacerdotes, *teleiotheis*. Por conseguinte, o sacerdócio não é uma coisa por algumas horas, mas realiza-se precisamente na vida pastoral, nos seus sofrimentos e nas suas debilidades, nas suas tristezas e também, naturalmente, nas alegrias. Assim, tornamo-nos cada vez mais sacerdotes em comunhão com Cristo.

Por fim, a Carta aos Hebreus resume toda esta compaixão na palavra *hypakoen*, obediência: tudo isto é obediência. É uma palavra que não nos agrada, no nosso tempo. Obediência parece uma alienação, uma atitude servil. Uma pessoa não usa a sua liberdade, a sua liberdade submete-se a outra vontade, por conseguinte, já não se é livre, mas determinado por outro, enquanto a

autodeterminação, a emancipação seria a verdadeira existência humana. Em vez da palavra "obediência", nós queremos como palavra-chave antropológica "liberdade". Mas considerando de perto este problema, vemos que as duas coisas caminham juntas: a obediência de Cristo é conformidade da sua vontade com a vontade do Pai; é um levar a vontade humana à vontade divina, à conformação da nossa vontade com a vontade de Deus.

São Máximo o Confessor, na sua interpretação do Monte das Oliveiras, da angústia expressa precisamente na oração de Jesus, – "não a minha, mas a tua vontade", – descreveu este processo, que Cristo leva em si como verdadeiro homem, com a natureza, a vontade humana; neste acto "não a minha, mas a tua vontade" Jesus resume todo o processo da sua vida, isto é, do levar a vida natural humana à vida divina e deste modo transformar o homem: divinização do homem e assim redenção do homem, porque a vontade de Deus não é uma vontade tirana, não é uma vontade que está fora do nosso ser, mas é precisamente a vontade criadora, é precisamente o lugar onde encontramos a nossa verdadeira identidade.

Deus criou-nos e somos nós próprios se formos conformes com a sua vontade; só assim entramos na verdade do nosso ser e não somos alienados. Ao contrário, a alienação actua-se precisamente saindo da vontade de Deus, porque deste modo saímos do desígnio do nosso ser, já não somos nós próprios e caímos no vazio. Na realidade, a obediência a Deus, isto é, a conformidade, a verdade do nosso ser, é a verdadeira liberdade, porque é a divinização. Jesus, levando o homem, o ser homem, em si e consigo, na conformidade com Deus, na obediência perfeita, isto é na perfeita conformação entre as duas vontades, remiu-nos e a redenção é sempre este processo de levar a vontade humana na comunhão com a vontade divina. É um processo pelo qual rezamos todos os dias: "seja feita a tua vontade". E queremos rezar realmente ao Senhor, para que nos ajude a ver intimamente que esta é a liberdade, a entrar, assim, com alegria nesta obediência e a "colher" o ser humano para o levar – com o nosso exemplo, com a nossa humildade, com a nossa oração e com a nossa acção pastoral – à comunhão com Deus.

Continuando a leitura, segue uma frase difícil de interpretar. O Autor da Carta aos Hebreus diz que Jesus rezou intensamente, com gritos e lágrimas, Deus que o podia salvar da morte e, pelo seu pleno abandono, foi ouvido (cf. 5, 7). Aqui gostaríamos de dizer: "Não, não é verdade, não foi ouvido, morreu". Jesus pediu para ser libertado da morte, mas não o foi, morreu de modo muito cruel. Por isso o grande teólogo liberal Harnak disse: "Aqui falta um *não*", deve ser escrito: "Não foi ouvido" e Bultmann aceitou esta interpretação. Mas esta é uma solução que não é exegese, mas uma violência ao texto. Em nenhum dos manuscritos há a palavra "não", mas "foi ouvido"; portanto, devemos aprender a compreender o que significa este "ser ouvido", apesar da Cruz.

Eu vejo três níveis para compreender esta expressão. Num primeiro nível pode-se traduzir o texto grego do seguinte modo: "foi remido da sua angústia" e neste sentido, Jesus foi ouvido. Portanto, seria uma menção a quanto nos narra São Lucas que "um anjo fortaleceu Jesus" (cf. Lc 22, 43), de modo que, depois do momento da angústia, pudesse ir directo e sem receio rumo à sua hora,

como nos descrevem os Evangelhos, sobretudo o de São João. Seria a satisfação, no sentido que Deus lhe dá a força para carregar todo este peso e assim é ouvido. Mas a mim parece que se trata de uma resposta não totalmente suficiente. Ouvido em sentido mais profundo – Padre Vanhoye ressaltou-o – significa: "foi remido da morte", mas não no momento, naquele momento, mas para sempre, na Ressurreição: a verdadeira resposta de Deus à oração de ser remido da morte é a Ressurreição e a humanidade é remida pela morte precisamente na Ressurreição, que é a verdadeira cura dos nossos sofrimentos, do mistério terrível da morte.

Já está presente aqui um terceiro nível de compreensão: a Ressurreição de Jesus não é só um acontecimento pessoal. Parece-me que serve de ajuda ter presente o breve texto no qual São João, no Capítulo 12 do seu Evangelho, apresenta e narra, de modo muito resumido, o evento do Monte das Oliveiras. Jesus diz: "A minha alma está perturbada" (*Jo 12, 27*) e, em toda a angústia do Monte das Oliveiras, o que direi?: "Ou salva-me desta hora, ou glorifica o teu nome" (cf. *Jo 12, 27-28*). É a mesma oração que encontramos nos Sinópticos: "Se possível afasta de Mim este cálice, mas seja feita a tua vontade"(cf. *Mt 26, 42; Mc 14, 36; Lc 22, 42*), que na linguagem de João aparece precisamente: "Ou salva-me, ou glorifica-me". E Deus responde: "Glorifiquei-te e glorificar-te-ei no futuro" (cf. *Jo 12, 28*). Esta é a resposta, o ouvir divino: glorificarei a Cruz; é a presença da glória divina, porque é o acto supremo do amor. Na Cruz, Jesus é elevado sobre toda a terra e atrai para si a terra; na Cruz está agora o "*kabod*", a verdadeira glória divina do Deus que ama até à Cruz e assim transforma a morte e cria a Ressurreição.

A oração de Jesus foi ouvida, no sentido que realmente a sua morte se torna vida, se torna lugar de onde redime o homem, de onde atrai o homem para si. Se a resposta divina em João diz: "glorificar-te-ei", significa que esta glória transcende e atravessa toda a história sempre e de novo: da tua Cruz, presente na Eucaristia, transforma a morte em glória. Esta é a grande promessa que se realiza na Sagrada Eucaristia, que abre sempre de novo o céu. Ser servo da Eucaristia é, por conseguinte, profundidade do mistério sacerdotal.

Mais uma breve palavra, pelo menos sobre Melquisedec. É uma figura misteriosa que entra na história sagrada em Génesis 14: depois da vitória de Abraão sobre alguns Reis, aparece o Rei de *Salem*, de Jerusalém, Melquisedec, e traz pão e vinho. Uma história não comentada e um pouco incompreensível, que aparece de novo só no Salmo 110, como já foi dito, mas compreende-se que depois o Hebraísmo, o Gnosticismo e o Cristianismo tenham querido reflectir profundamente sobre esta palavra e tenham criado as suas interpretações. A Carta aos Hebreus não faz especulações, mas refere apenas quanto diz a Escritura e são diversos elementos: é Rei de justiça, habita na paz, é Rei onde reina a paz, venera e adora o Deus Altíssimo, o Criador do céu e da terra, e leva pão e vinho (cf. *Hb 7, 1-3; Gn 14, 18-20*). Não é comentado que aqui aparece o Sumo Sacerdote do Deus Altíssimo, Rei da paz, que adora com pão e vinho o Deus Criador do céu e da terra. Os Padres ressaltaram que é um dos santos pagãos do Antigo Testamento e isto mostra que também do paganismo há um caminho para Deus e os critérios são: adorar o Deus Altíssimo, o Criador, cultivar justiça e paz, e venerar Deus de modo puro. Assim, com estes

elementos fundamentais, também o paganismo está a caminho rumo a Cristo, torna de certa forma presente a luz de Cristo.

No cânone romano, depois da Consagração, temos a oração *supra quae*, que menciona algumas prefigurações de Cristo, do seu sacerdócio e do seu sacrifício: Abel, o primeiro mártir, com o seu cordeiro; Abraão, que sacrifica na intenção o filho Isaac, substituído pelo cordeiro dado por Deus; e Melquisedec, Sumo Sacerdote do Deus Altíssimo, que leva pão e vinho. Isto significa que Cristo é a novidade absoluta de Deus e, ao mesmo tempo, está presente em toda a história, através da história, e a história vai ao encontro de Cristo. E não só a história do povo eleito, que é a verdadeira preparação desejada por Deus, na qual se revela o mistério de Cristo, mas também pelo paganismo se prepara o mistério de Cristo, existem caminhos para Cristo, o qual leva tudo em si.

Isto parece-me importante na celebração da Eucaristia: aqui está reunida toda a oração humana, todo o desejo humano, toda a verdadeira devoção humana, a verdadeira busca de Deus, que se encontra finalmente realizada em Cristo. Por fim, deve ser dito que agora está aberto o céu, o culto já não é enigmático, em sinais relativos, mas é verdadeiro, porque o céu está aberto e não se oferece algo, mas o homem torna-se um com Deus e este é o verdadeiro culto. Diz assim a Carta aos Hebreus: "o nosso sacerdote está à direita do trono, do santuário, da verdadeira tenda, que o próprio Senhor construiu" (cf. 8, 1-2).

Voltemos ao ponto em que Melquisedec é Rei de *Salem*. Toda a tradição davídica se referiu a isto dizendo: "Aqui é o lugar, Jerusalém é o lugar do verdadeiro culto, a concentração do culto a Jerusalém já vem dos tempos abraâmicos, Jerusalém é o verdadeiro lugar da veneração justa de Deus".

Façamos um novo passo: a verdadeira Jerusalém, a *Salem* de Deus, é o Corpo de Cristo, a Eucaristia é a paz de Deus com o homem. Sabemos que São João, no Prólogo, chama a humanidade de Jesus "a tenda de Deus", *eskenosen en hemin* (Jo 1, 14). Aqui o próprio Deus criou a sua tenda no mundo e esta tenda, esta nova, verdadeira Jerusalém está, ao mesmo tempo, na terra e no céu, porque este Sacramento, este sacrifício se realiza sempre entre nós e chega sempre até ao trono da Graça, à presença de Deus. Aqui é a verdadeira Jerusalém, ao mesmo tempo, celeste e terrestre, a tenda, que é o Corpo de Deus, que como Corpo ressuscitado permanece sempre Corpo e abraça a humanidade e, ao mesmo tempo, sendo Corpo ressuscitado, nos une com Deus. Tudo isto se realiza sempre de novo na Eucaristia. E nós como sacerdotes somos chamados a ser ministros deste grande Mistério, no Sacramento e na vida. Peçamos ao Senhor que nos faça compreender cada vez melhor este Mistério, que nos faça viver cada vez melhor este Mistério e deste modo oferecer a nossa ajuda para que o mundo se abra a Deus, a fim de que o mundo seja remido. Obrigado.

Para a sua lectio divina Bento XVI inspirou-se nos trechos da Carta aos Hebreus que aqui publicamos.

5, 1-10

7, 26-28

8, 1-2

(L'Osservatore Romano, ed. em Português, 27 de Fevereiro de 2010)

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana